

Fiódor Dostoiévski – Niétotchká Niezvânova

Lendo o autor na sequência de obras que foram produzidas, vê-se claramente o desenvolvimento de sua prosa, e com Dostoiévski vemos o desenvolvimento da escrita mas também uma dança entre estilos literários. A novela de Gente Pobre com o texto truncado de O Duplo, seguido por contos que chegam na poesia em prosa de Almas Brancas, beleza elevada à máxima potência em Niétotchká Niezvânova.

Neste breve romance temos uma figura interessante que é a do autor/personagem ou personagem que assina a autoria da história e a narra como uma personagem que *sonda os corações*. Assim, Niétotchká sabe destrinchar a personalidade de Kátia e o que faz o buldogue Falstaff rosnar como um monstro. Como todo o poder dado à pequena Niétotchká, Fiódor proporciona ao leitor o prazer de se entregar a uma história segura, dominada à rédea por quem a sofreu em criança, mocinha e mulher. Durante as páginas iniciais, aqui e acolá o leitor se acalma ao lembrar que a narrativa de tanta dor e sofrimento na vida da pequena Ana não poderia ser descrito senão por uma mulher madura, e sabendo que ela precisará viver para poder escrever o livro que temos em mãos, nos confortamos em saber que a pequena criancinha irá suportar tantas desgraças que a rodeiam nos primeiros capítulos.

Filha de um pai com a qual não conviveu, criada por um padrasto entregue ao vício – entregue de tal forma que lhe suplanta toda virtude --, Ana cresce em um lar destruído emocional e financeiramente, assoma-se a isso os episódios de pressão psicológica em que uma criancinha precisa dominar, e às vezes até ajudar(!), os pais a não se entregarem à loucura. O contato com a arte marca a vida da pobre menina, e mesmo que marca terrível como que um grito de pavor, o enlevo da expressão artística traz o homem a um momento de glorificação, em que mesmo o ímpio se aproxima do que há de mais celestial, e se transfigura diante dos que lhe vem à face. A quem se aproxima, a arte traz sua luz, a quem se afasta, trevas. É assim que legor Pietróvitch, o padrasto de Ana, não domina a expressão artística e permite que o vício da amargura, que o aprisiona em uma vida de autocomiseração, o leve a ouvir no contato do arco com as cordas de um violino virtuoso, um grito de pavor; por outro lado, permite ao pobre e desajeitado Carl Fiódorovitch, dançar mal mas se sentir nas nuvens (subindo tão alto que chega ao teto, com a cabeça). Já o disciplinado B. não nasce com o talento mas desenvolve a técnica, mostrando que há diferentes caminhos para essa luz que se apresenta na arte humana.

O romance que temos em mãos é dividido em três partes, sendo publicado originariamente em periódicos da época, prática comum desde os tempos do romantismo onde autores de literatura passaram a exercer também o ofício de jornalistas, e o jornal que dispunha de páginas policiais e políticas abriam-se a publicação de literatura. Fiódor Dostoiévski vivia da escrita – no sentido moderno onde *viver de* significa *tirar o sustento*; assim, Niétotchká foi publicado em três partes, o que se vê claramente na leitura corrente do romance em que o leitor percebe, claramente, três momentos distintos na vida da pequena Ana. Inicialmente escritos com os subtítulos “Infância”, “Vida Nova” e “O mistério”¹, os textos foram publicados e precisaram de revisão e edição, onde o próprio autor tentou unir melhor os estilos naturalmente diferentes dos três capítulos, uma vez que foram escritos em momentos diferentes de sua carreira. Frutos do trabalho de Dostoiévski justamente no período que marcou toda sua vida literária, o romance em questão foi publicado à época de sua prisão e exílio na Sibéria (1849), esperar um texto em três trechos com estilo semelhante quando o autor passava por momentos tão drásticos de seu amadurecimento é não entender o que se passa na construção de um artista. E essa compreensão permeia todo o belo

¹ Essa informação consta do pequeno trecho de autoria de Boris Schnadeirman, o tradutor da edição utilizada nessa aula (Editora 34), apresentada ao fim do livro.

romance truncado que acabamos de ler, onde o desenvolvimento da personalidade do ser humano é marcado pelo que a vida apresenta de pior, seus traumas, e de melhor, seu enlevo.

Todo o primeiro terço do livro é marcado por dor e trauma; uma pequena criança que é criada sem pai, junto a uma mãe doente e um padrasto que a ama, e a explora. Ana não sabe o que sente pelo pai, misturando o amor paternal com atração incompreendida, por óbvio, no que o autor certamente aproveita para tratar com psicologia freudiana. A necessidade do pai em matar a mãe (esposa) para poder se libertar e só então passar a viver de verdade; e a pequena criança chegando a ansiar pela morte da mãe para poder então viver com o pai (padrasto); e vivendo realmente apenas após a morte de ambos, pai e mãe jogados na total degradação humana em uma Rússia pré-revolucionária, onde o cidadão se dividia entre viver no campo ou na cidade, no império ou na democracia. A Rússia escancarada em Dostoiévski é brutal, com emoções aos frangalhos e relações familiares embriagadas por uma sociedade primitiva sob lampejos de modernidade europeia.

Quando liberta das amarras paternais, Niétotchkha permite que o autor trate do outro extremo, da vida do outro lado da rua, onde a riqueza e a opulência é retratada com a jovem passando a viver na casa que tanto admirava quando se debruçava sobre a janela de seu cômodo miserável. A casa que recebia princesas trazidas por carruagens, ricaços de fraque e bengala, todos dançando ao som dos melhores músicos vindos da Europa em um salão com cortinas(!). Toda a vida observada pela garotinha pobre agora é vivida, ao menos é o que a tímida e assustada Ana tenta, se esforça por conseguir, mas tropeça diante da não indiferente crueza da vida rica, tal qual da vida pobre. Mudam os problemas, mas a vida é dura para todos, e mesmo em uma mansão o destino tem sempre seu cérvulo à porta da felicidade, aqui não um Cérbero mas um Falstaff, nome tomado de Shakespeare quando Dante já se havia tornado clichê nos círculos literários de Petesburgo.

O segundo trecho da obra é todo centrado no desenvolvimento infantil de quem nasceu na miséria e viveu a desgraça antes de ter fibra para administrar a própria vida. Sem saber se relacionar, Ana não domina suas emoções, não sabe o que é uma vida em família e diante de outra criança, tão inocente, bela e divertida quanto qualquer outra criança, não se afeiçoa, se apaixona. Aqui também temos a demonstração de que as classes sociais não pouparam ricos nem pobres, o *sol nasce para todos*, e as trevas também. Kátia também não sabe lidar com a vida lhe traz e não se sai tão pior quanto a nova irmãzinha adotiva.

Novo choque, em uma pausa que não oculta o desenvolvimento disruptivo da obra quando analisada em um bloco só, temos então o terceiro trecho como um claro meio. Miséria, opulência e então a vida normal, em contato com a arte na literatura e na música, as relações familiares e a chance de poder ir à rua, ainda que vigiada, mas em início de relações além do lar. Niétotchkha passa a estudar canto, conhece Walter Scott e Dostoiévski se aproveita da oportunidade que a narradora lhe dá e insere na obra um pouco de si, quando coloca o romancista inglês como o rubicão pelo qual a pequena menina, então aos 16 anos, passa e se depara com a dor da vida adulta, que não se apresenta com dúvidas emocionais mas decisões que se relacionam ao sacrifício (por si e por outrem). E aqui acaba a obra inacabada, que só pode ser concluída pelo próprio leitor, que sabe muito bem por ser ele também mais um miserável neste mundo de padecimento, preencher com sua própria criação as páginas que o autor não publicou.

Fernando Melo,
Brasília, 3 de abril de 2021